

Nativos de Gado Bravo – PB Rastros e Sinais

Valquíria Gomes dos Santos

NATIVOS DE
GADO
BRAVO-PB:
RASTROS E
SINAIS

Nativa
2021



Editor

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

Conselho Editorial

Luíra Freire Monteiro

Flávio Carreiro de Santana

Emerson M. Alves Silva

Conselho Científico

Alberto Edvanildo Sobreira Coura (UEPB)

Bruno Rafael de A. Gaudêncio (ALCG)

Eliton S. Medeiros (UFPB)

Flaubert Barros Leira (HGGP)

Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)

Glauber Paiva da Silva (UFPE)

Hélio de Sousa Ramos Filho (UFPB)

Hilmária Xavier Ribeiro (UEPB)

Jordan Queiroz Gomes (NUPEHL)

João Pereira Silva Neto (IHLS)

José de Sousa Pequeno Filho (IHSB)

José Edmilson Rodrigues (ALCG)

Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)

Laudemiro L. de Figueiredo Filho (IHSB)

Lucira Freire Monteiro (UEPB)

Luíra Freire Monteiro (UEPB)

Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)

Maria Ida Steinmuller (IHCG)

Thélio Queiroz Farias (ALCG)

Thomas Bruno Oliveira (IHGP)

Thuka Kércia Morais de Lima (MDCG)

Vanderlei de Brito (IHCG)

Expediente

Designer gráfico Emerson M. Alves Silva

Capista George Tenório Pinto

Revisão linguística Vanuza de Oliveira Barbosa

Normalização técnica Luíra Freire Monteiro e

Normalização técnica Flávio Carreiro de Santana



Valquíria Gomes dos Santos

**NATIVOS DE GADO BRAVO-PB:
RASTROS E SINAIS**





Copyright 2021 – Nativa
ISBN 978-65-995379-8-1

Ilustração da capa:
Detalhe da paisagem do sítio Pedra Altas, Gado Bravo – PB. Foto da autora

Capa: George Tenório da Silva
Revisão técnica: Luíra Freire Monteiro e Flávio Carreiro de Santana

Contato com a autora:
nativa.edit@gmail.com

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Valquíria Gomes dos
Nativos de Gado Bravo – PB [livro eletrônico] : rastros e sinais / Valquíria Gomes dos Santos. – Campina Grande, PB : Nativa Edições, 2021.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-995379-8-1 1.

Caboclos (Povos do Brasil) - Usos e costumes 2. Gado Bravo (PB) - História 3. Índios Tapuias – Paraíba 4. Nativos - História - Gado Bravo (PB) 5. Patrimônio cultural - Gado Bravo (PB) 6. Patrimônio histórico - Gado Bravo (PB) 7. Pinturas rupestres - Paraíba I. Título.

21-77862

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Gado Bravo : Paraíba : Nativos : História 981.33
2. Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/938

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
PARADIGMA INDICIÁRIO:	10
EM BUSCA DO PASSADO INDÍGENA	10
1.1 Pinturas Rupestres no município de Gado Bravo-PB.....	13
O LEGADO TAPUIA	23
A CHEGADA DOS CRIADORES DE GADO	28
2.1 Família Trovão: descendentes da índia Tapuia.....	32
TOPONÍMIAS E PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS	38
3.1 Coco de Roda, música, cultura e poesia	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
Referências	49

PREFÁCIO

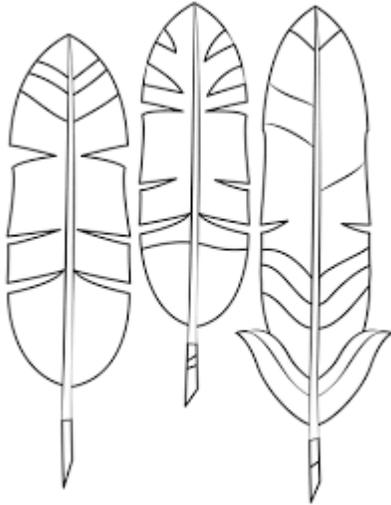
A professora e historiadora Valquíria Gomes dos Santos nos proporciona, através deste trabalho de pesquisa local, conhecer um pouco do passado indígena do nosso município.

A autora nos mostra que em Gado Bravo existem vários indícios de presença indígena, e prova disso são as pinturas e gravuras rupestres existentes em algumas localidades, a exemplo dos sítios Rosilha, Caruá e Pedras Altas, locais cheio de belezas naturais e com uma atmosfera mística. Além disso, temos influências da cultura indígena na culinária, nos costumes e nas tradições, como por exemplo, o Coco de Roda, que consiste numa dança de roda tradicional no município, que vem passando de geração em geração.

Enfim, temos vários indícios que provam que tivemos uma presença indígena bastante intensa no município de Gado Bravo. Muitos gadobravenses natos possuem sangue indígena e não tem conhecimento desse fato, por esse motivo, este trabalho é de suma importância, sobretudo, no que se refere à divulgação desses fatos, que são de caráter histórico, étnico e sociológico.

Ivanilson Luciano Camelo

*Professor, Geógrafo e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de
Gado Bravo.*



INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é identificar a existência de indícios sobre um forte antepassado indígena no município de Gado Bravo-PB. Logo, vamos investigar qual a relação do passado do município com as populações indígenas. Nosso objetivo principal é compreender os indícios da presença indígena na história do município levantando as evidências toponímicas e arqueológicas da presença indígena no município de Gado Bravo, organizando histórias genealógicas e apresentando indícios de práticas culturais indígenas nas comunidades desse lugar.

A partir das toponímias existentes no local, como os nomes de comunidades da zona rural, existem relatos por parte dos antigos moradores de que foi na localidade do *Tapuia* que se deu origem ao que hoje é conhecido como Gado Bravo.

Acredita-se que aproximadamente por volta do final do século XVII, os tapuias já habitavam essa região ribeirinha as margens do rio Paraíba e que faz divisa com as cidades de Umbuzeiro, Santa Cecília, Aroeiras, Barra de Santana e Queimadas, região essa denominada como mesorregião do Agreste Paraibano.

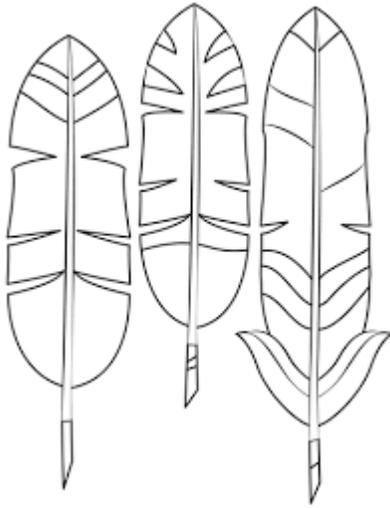
Durante aquele século, acredita-se que os tapuias já estavam ali. Foi durante esse período que ocorreu a “Guerra dos Bárbaros”, que durou cerca de cem anos e cessou nas duas primeiras décadas do século XVIII. Essa contenda foi um movimento de reação contra os portugueses e a colonização, tentando inibir a sua penetração e a conquista de terras indígenas para a ocupação de seus domínios pelos criadores de gado.

O território foi ocupado por vários criadores, que deram início a cultura da criação de gado, tornando essa prática uma atividade de grande importância para essa região. Relata-se que depois da influência dessa tradição, séculos depois veio a ser o motivo da emancipação política do município de Gado Bravo, que até então era apenas distrito de Aroeiras. Durante a época da sua emancipação política, o município chegou a ser considerado como a maior bacia leiteira da região. É claro que antes da delimitação do território como município eram outras, o que levou o que o historiador Juvandi de Souza (2009, p. 72) a afirmar: “as fronteiras que o homem contemporâneo faz uso, não eram levadas em consideração pelos índios que viviam de um lugar para outro, sempre em busca de melhores condições de sobrevivência”.

Tomando como base esse fato, podemos crer que os tapuias ou qualquer outro grupo indígena podem ter transitado por vários

territórios sem ter dado conta de onde estavam, até porque não se tinha essa preocupação. Como já foi dito, não se tinha essa noção de fronteiras, e tudo era terra e elas estavam ao dispor deles ocupação e sobrevivência.

Com isso, esse trabalho toma como base as descrições da capitania da Paraíba e dos estudos sobre os grupos indígenas no território paraibano. Dessa forma, podemos encontrar algumas dificuldades na coleta das informações, mas que, antes de se impor como uma limitação na compreensão sobre o passado indígena em Gado Bravo, nos serve de motivação a explorar tal temática.



PARADIGMA INDICIÁRIO: EM BUSCA DO PASSADO INDÍGENA

Mesmo não existindo uma comunidade indígena no município de Gado Bravo, nos amparamos nas propostas indiciária de Carlo Ginzburg (1989) para estudar a influência desses povos na região. Em busca de indícios do passado, o autor italiano propõe uma prática detetivesca no ofício do historiador, propriamente para detalhar indícios imperceptíveis para a maioria das pessoas. Tal ensinamento é o que nos dispomos a realizar, revestindo-nos de “detetive” na busca de sinais indígenas.

A aproximação com o paradigma indiciário de Ginzburg (1989) se justifica pela não existência de uma comunidade reconhecidamente indígena no município de Gado Bravo. Aliás, a presença indígena em nosso Estado é, por assim dizer, aterrador, posto não encontrarmos os

seus descendentes além dos povos potiguaras no litoral e a tentativa mais recente de reconhecer os povos tabajaras, também no litoral paraibano. Sobre a presença indígena no interior do nosso Estado, restaram, justamente, os indícios para remontar a sua existência pretérita, pois nenhuma comunidade sobreviveu ou se manteve organizada com a colonização ou após ela.

Para tanto, nos concentremos nos indícios indígenas. Segundo Ginzburg (1989), para saber identificar tais indícios é necessário a perspicácia do observador interpretar os tais resquícios deixados, cabendo a ele interpretar como, por exemplo: pegadas na lama, restos de uma possível fogueira etc. Esses indícios são partes simples e importantes dos vestígios encontrados durante a pesquisa e com isso vão se atrelando para formar uma única história.

Ainda se referindo a paradigmas indiciários, Ginzburg (1989) relata que “os museus estão cheios de quadros atribuídos de maneira incorreta, mas devolver cada quadro ao seu verdadeiro autor é difícil: muitíssimas vezes encontramos frente a obras não assinadas, talvez repintadas ou num mau estado de “conservação”. Segundo ele, as obras devem ser bem conservadas, pois elas nos ajudarão a entender mais um pouco sobre os indícios. Assim, não é necessariamente se basear em características mais vistosas dessas obras, já que são mais facilmente imitáveis, mas é preciso examinar os pormenores mais negligenciáveis.

Trabalhar com o paradigma indiciário é uma questão de interpretação de vestígios, dando-se através de uma investigação, para que se possa chegar a uma comprovação do que realmente aconteceu naquele determinado espaço, lembrando que não se trata simplesmente de coincidências biográficas, mas um paradigma baseado justamente na semiótica, com raízes muito antigas.

Por milênios o homem foi caçador, pois era a única forma de sobrevivência humana, evoluindo, a partir daí, para outros meios de

sobrevivência. Acredita-se que durante inúmeras perseguições ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados.

O homem aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitas como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas através de noções de indícios mínimos. Nosso espírito de detetive, sugerido por Ginzburg, pode nos “abrir os olhos” para uma realidade indígena no município de Gado Bravo-PB, que parece invisível em meio a poeira do tempo.

Através de fábulas, Ginzburg (1989) faz referências bastante coerentes sobre o paradigma indiciário, onde usa o exemplo de uma fábula oriental sobre três irmãos que encontram um homem que perdeu um camelo. Ao serem indagados pelo homem, descreveram as características do animal como qualquer pessoa é capaz de descrever um camelo sem o vê em sua frente.

Os três irmãos são evidentemente depositários de um saber de tipo venatório (mesmo que não sejam descritos como caçadores). O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente. Pode-se acrescentar que esses dados são sempre dispostos pelo observador de modo a dar lugar a uma sequência narrativa, cuja formulação mais simples poderia ser “alguém passou por lá”. Talvez a própria ideia de narração (distinta do sortilégio, do esconjuro ou da invocação) tenha nascido pela primeira vez numa sociedade de caçadores, a partir da experiência da decifração das pistas. O fato de que as figuras retóricas sobre as quais ainda hoje funda-se a linguagem da decifração venatória a partir pelo todo, o efeito pela causa é reconduzível ao eixo narrativo da metonímia com rigorosa exclusão da metáfora, reforçaria essa hipótese, obviamente indemonstrável. O caçador teria sido o primeiro a “narrar uma história” porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se

não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma serie coerente de eventos. (1989, p. 152).

Contudo, podemos observar que “decifrar” ou “ler” as pistas (indícios) dos animais são basicamente metáforas. Sendo assim, os indícios encontrados no município ficaram registrados nas margens do seu rio, no sangue do seu povo, e até mesmo nas paredes de suas cavernas... Assim como o caçador teria sido o primeiro a “narrar uma história” porque era o único capaz de ler nas pistas mudas deixados pela presa, nosso trabalho de detetive vai procurar através dos indícios, respostas para a existência ancestral indígena naquela comunidade.

1.1 Pinturas Rupestres no município de Gado Bravo-PB

Algumas das maiores dificuldades para pesquisa do passado indígena, segundo José Otavio e Gonzaga Rodrigues (1993), é que existem diversos trabalhos sobre indígenas na Paraíba, porém, deve-se ficar atento as informações exageradas dos primeiros historiadores, que ficam sem embargo de suas excelentes contribuições, como figuras intocáveis, e também pelo descaso natural. Talvez essa característica tenha sido herdada dos portugueses pelos problemas vinculados aos índios, cuja história e cultura pouco e erroneamente foram registradas.

Em grande parte a extinção dos indícios da cultura indígena se deu pela ganância de muitos aventureiros, pelo descaso das autoridades em relação ao trabalho e as terras indígenas desde os tempos da colonização.

Por vários recantos da região Nordeste se encontra sítios arqueológicos de culturas muito antigas, como parte do registro de povos

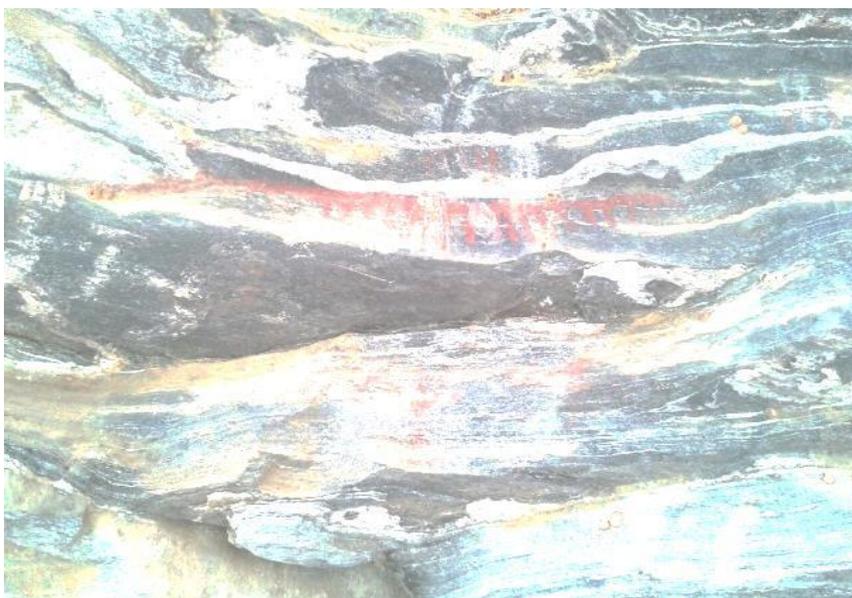
pré-históricos. Esses grupos étnicos viviam da caça e do cultivo da terra e, por serem caçadores e estarem constantemente explorando a natureza, os ajudou a terem chegado tão longe e em tantos lugares. Logo, deixaram vários vestígios de suas passagens por determinados locais, como de fato ocorreu no município de Gado Bravo, onde podemos encontrar alguns vestígios da passagem desses povos indígenas a exemplo das comunidades rurais de Rosilha II, Caruá e Pedras Altas onde podemos observar diversas figuras deixadas pelos índios que por ali passaram por volta do século XVIII. Como esclarece Cunha (1992, pp. 46-47):

Os povos de tradição Agreste deixaram inúmeros testemunhos gráficos nas paredes rochosas dos abrigos do Nordeste. Essa tradição de pintura se caracteriza pela predominância de grafismos reconhecíveis, particularmente de classe das figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem representações de objetos, nem de figuras fitomorfas. Os grafismos representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. Ao contrário da tradição Nordeste as figuras são representadas paradas: não há nem movimento nem dinamismo. Os grafismos puros, muito mais abundantes que na tradição nordeste, apresentam uma morfologia bem diferente e diversificada. Com frequência as figuras Agreste foram realizadas no interior de painéis Nordeste, o que dificultou os trabalhos analíticos na segregação das tradições. É também muito comum achar os grafismos desta tradição superpostos a grafismos de outras tradições. O estudo deste procedimento de superposição permitia identificar a existência de um critério de escolha do espaço pictorial que é próprio da tradição Agreste quando ela partilha um espaço material com a tradição Nordeste. A técnica de desenho e de pintura é de má qualidade, os desenhos são canhestros e não permitem, na maioria dos casos, a identificação das espécies animais. O tratamento da figura é limitado e de péssima feição.

Podemos considerar como uma arte a inscrição de pinturas rupestres, sendo um hábito praticado por vários grupos étnicos, como

forma de escrita. No geral, não se é tão bem compreendida em seus significados. Geralmente apresentam pinturas e gravuras em forma de desenho de animais, de ritos, ou apenas de símbolos, tais como apresentados nas figuras abaixo:

Foto 1: Pintura rupestre do Sítio Rosilha II – Gado Bravo – PB



Fonte: Valquíria Gomes dos Santos, 2017.

Foto 2: Pintura rupestre do Sítio Rosilha II – Gado Bravo – PB



Fonte: Valquíria Gomes dos Santos, 2017.

Foto 3: Pintura rupestre do Sítio Rosilha II – Gado Bravo – PB



Fonte: Valquíria Gomes dos Santos, 2017.

Foto 4: Pintura rupestre do Sítio Rosilha II – Gado Bravo – PB



Fonte: Valquíria Gomes dos Santos, 2017

Foto 5: Pintura rupestre do Sítio Rosilha II – Gado Bravo – PB



Fonte: Valquíria Gomes dos Santos, 2017.

Podemos observar nas imagens acima quatro pinturas rupestres que estão localizadas na comunidade rural Rosilha II, município de Gado Bravo. As pinturas foram feitas em uma espécie de “caverna” no alto de uma montanha. Se trata de uma longa parede de pedra com algumas figuras que nos faz lembrar animais, a exemplo da figura de número 01 e 04 em que percebemos semelhanças com um animal de quatro patas. Acreditasse que esses povos registravam fatos de seu cotidiano, a exemplo de animais, pois a caça era um desses registros comuns deixados entre esses povos. Tal como também é comum entre outros sítios arqueológicos, tais imagens estão registradas nas proximidades do riacho da Capivara, já bem próximo ao rio Paraíba.

Segundo Santos (2009, p. 66), “os primeiros homens que aqui chegaram e viveram em tempos ainda incertos, deixaram suas marcas em todos os rincões do Brasil”. Ao fazerem isso, deixaram talvez a maior prova de sua existência em terras incertas, enquanto registro de que um determinado grupo étnico tenha passado por ali. Acredita-se que, de forma geral, um sítio arqueológico apresente suas particularidades próprias, pois como cada pessoa poder ter deixado uma grafia diferente e cada vestígio encontrado serve como testemunho do perfil cultural de determinado grupo étnico, que deixou os resquícios de sua cultura material.

De maneira geral, o homem tinha hábito deixar vestígios de sua presença por onde tenha vivido, isso torna mais fácil de entender o processo cultural dos grupos indígenas através dos vestígios deixados em determinados lugares. Esses materiais não se tratam apenas das pinturas rupestres, pois se sabe que a cultura material e imaterial presente em diversos lugares do Brasil sofreram certa evolução (intervenção) de sua

forma original, com o tempo, ou até mesmo com a intervenção humana, como mencionado por Sousa (Ibid., p.70):

Estudar os artefatos como propõe Pitt Rivers, seria entender o processo de evolução cultural de um grupo, a partir de um de um processo sequencial ligado a necessidade ou não de evolução, voltado ao processo de sobrevivência daquele grupo. George Bassala (1991) dá inúmeros exemplos de materiais que foram inventados na pré-história e que de acordo com o processo evolutivo da sociedade, bem como a busca por novos produtos que lhes oferecessem mais conforto, continuariam um processo de evolução aparentando com a evolução biológica de Darwin. O martelo é um exemplo que aparece várias vezes em sua obra “A evolução de La tecnologia”, como fazendo parte do cotidiano de velhas e novas profissões que surgiram e desaparecia com o tempo, mas sempre necessitando desta ferramenta básica. Os grupos que habitavam nosso território criaram e, em dado momento, aperfeiçoaram instrumentos como forma de facilitar-lhes melhores meios de extraírem do ambiente as matérias-primas essenciais a sua sobrevivência e de sua prole.

Mesmo esses nativos aperfeiçoando suas técnicas para a sua sobrevivência e pertencendo ao mesmo grupo étnico, havia suas divergências tribo, no qual ocorria um possível rompimento dos membros, como de fato ocorreu com os tapuias, considerados por Sousa uma espécie de pseudo-nação, justamente pelo fato de que em vários momentos históricos ocorreram diversos conflitos e até mesmo guerras intertribais motivadas pelos colonizadores. Esse teria sido o maior erro dos tapuias, pois, por não estarem unidos, se tornaram mais flexíveis as investidas do homem branco.

Para este autor, a etnia ou etnicidade é vista como um dos elementos básicos formador de uma nação, pois congrega as características culturais de um dado grupo social, sendo transmitidos através das tradições de uma geração para outra sequente. Assim, eles

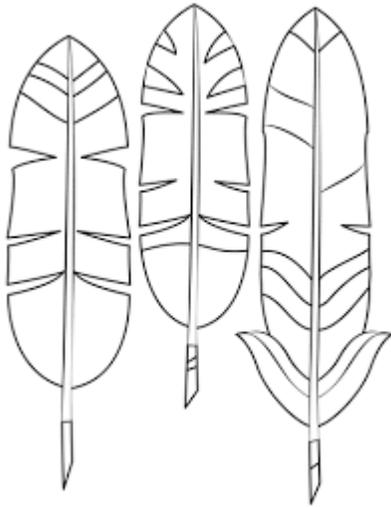
continuariam ligados pela sua etnia, que vai desde a dança até outro costume, como no caso dos Tarairiús, a prática do endocanibalismo e, no caso dos cariris, as formas de enterramentos em covas e urnas, como também os seus rituais religiosos, além da utilização de macetes para suas caçadas.

Investigar os indícios de uma presença indígena em um determinado lugar é comparado a um trabalho de detetive: são longas conversas com os moradores, conhecedores populares das histórias locais do município. Entretanto, podemos dizer que são as pinturas rupestres as provas materiais incontestáveis, presentes em nossa região e localizadas nas comunidades dos sítios Rosilha II, Caruá e Pedras Altas.

De Acordo com Santos (2009, p. 66):

O que caracteriza um sítio arqueológico é a presença de algo que sirva de demonstrativo da presença do homem naquele local, trata-se dos vestígios arqueológicos que podem ser ferramentas de pedra lascada uma estrutura de fogueira, uma pintura rupestre uma sepultura, ou mesmo uma simples marca de passos humanos. Desses vestígios talvez os mais exponenciais sejam as figuras rupestres.

Aqueles sítios arqueológicos estão localizados em pontos distantes da cidade de Gado Bravo- PB e são de difícil acesso, o que comprova que os indígenas da região se estenderam não só as terras próximas ao rio Paraíba, pois há relatos que também se tem outro sítio arqueológico na comunidade do sítio Caracolzinho, que fica próximo ao limite dos municípios de Gado Bravo com o município de Queimadas. Contudo, acredita-se que sua aldeia se encontrava na comunidade do sítio Tapuia, às margens do rio Paraíba, nome esse que foi dado ao local em homenagem aos índios que lá viveram.



O LEGADO TAPUIA

Mariano Neto (1999) em *Ecologia e imaginário nos Cariris Velhos da Paraíba*, nos fala sobre a intimidade do homem sertanejo contemporâneo com o seu passado não muito remoto. Com isso, pode-se dizer que havia uma interligação com a natureza, onde mantinham uma espécie de “intimidade”, em que eles retiravam tudo o que era necessário para a sua sobrevivência, tais como alimentos, medicamentos,

armas, vestimentas etc. Dessa forma, percebe-se então, que a influência dos costumes indígenas esteve presente nas populações rurais.

O homem do interior seria diretamente influenciado pelos costumes indígenas mesmo de forma indireta, pois de fato foi um dos maiores praticantes de sua cultura. No município de Gado Bravo é bastante comum ver essas práticas, como por exemplos, o uso de ervas medicinais, a utilização de cerâmicas em utensílios de sua casa, as esteiras de junco etc.

Para Santos (Ibid., p. 68):

A evolução cultural dos grupos pré-históricos da região pode ser testemunhada pelo processo evolutivo tecnológico dos vestígios deixados por estes tais como o material lítico, cerâmica e principalmente as pinturas rupestres, as mudanças nas técnicas pictoriais as variações dos temas e suas representações são resultados de transformações sociais que se passaram ao longo do tempo. O que se sabe, e que cada grupo étnico possuía um sistema cultural diferente que lhes servia como forma de apresentação. Assim, cada tradição, seja ela gráfica cerâmica ou lítica, corresponde a um determinado grupo étnico particular, sendo, portanto, confiável o traçar do perfil cultural através do seu mundo sensível.

Sabe-se também que as fronteiras territoriais que o homem contemporâneo faz uso não eram levadas em consideração no período histórico em que os índios viviam, pois, esses grupos étnicos viviam de um local para outro sempre em busca de melhores condições de vida.

Para Santos (2009), é coerente a aceitação das datações obtidas em sítios do Rio Grande do Norte e Pernambuco, estendendo-as para a Paraíba, devido a proximidade e a localização central do Estado, sendo essas áreas de deslocamento do Norte a Sul e vice-versa. Por parte, esse pensamento se encaixa perfeitamente com a realidade indígena que foi vivida no município de Gado Bravo pelos tapuias, por estar localizado

próximo à fronteira com o estado de Pernambuco, separando apenas pelo município de Umbuzeiro-PB.

Pode-se observar o seguinte fato em relação à evolução e adaptação desses grupos: não foram os objetos e seus costumes que evoluíram com o passar do tempo, mas o próprio grupo. A herança dos seus antecessores em contato com o ambiente necessitou de uma criação, de aperfeiçoamento e de (re) adaptação cultural para que houvesse uma “evolução” nos seus utensílios.

A partir das contribuições do autor, identificamos algumas semelhanças que podem ser observadas no município de Gado Bravo-PB: de fato o homem teve uma relevante evolução para se adaptar a cultura dos grupos que habitavam o município no século XVIII. Essa evolução foi tão influente que com o passar do tempo constituíram famílias. E atualmente, muitos acabaram perdendo essa identidade indígena, mesmo que carreguem no sangue, a maioria não tem como provar a sua ascendência, pois com o tempo que se passou acabaram perdendo as características que os ligava a esses parentescos.

Segundo o autor, entende-se que essa evolução seja a continuidade na mudança da composição de uma população, pois através do tempo a descendência passa pelo processo de substituição de uma forma por outra. Sabendo disso, a pesquisa vai procurar resgatar dentro do município, sua ligação com os tapuias, que de certa forma se encontra perdida pelo espaçamento do tempo.

Ribeiro (2007, p. 93-94) alega que:

É em meio de adaptação extra somático do homem (...) a cultura é um sistema de informação, em que, nas mensagens, se acumulam informações de sobrevivência. Neste sentido, a cultura material é vista como algo que simplesmente funciona na interface entre o organismo humano e o meio físico e interface

entre o organismo humano e o meio físico e social para permitir a adaptação (...) o resultado disso é que os vestígios culturais são vistos como refletindo, de um modo bastante direto, o que as pessoas fazem (...) ainda admite que a cultura material é simplesmente uma reflexão direta, indireta ou distorcida das atividades humanas.

Segundo Taylor Apud Braidwood (1960, p. 48), a cultura é a “categoria mais geral do conjunto das ações humanas”. Contudo, podemos crer que tudo o que o homem desenvolve com as suas ações resulta na sua cultura, a exemplo de seus costumes, hábitos e ritos. Então com o desenvolvimento dessas atividades culturais, as tribos que habitavam o mesmo local deixando seus vestígios decorrente de suas ações, não se viam como semelhantes, como relatado por Souza (2009), “os cariris, [...] viam os Tarairiús e os tupis como diferentes”. Isso nos faz deduzir que apesar de habitar a mesma localidade, possuir traços culturais semelhantes, se consideravam povos diferentes um dos outros.

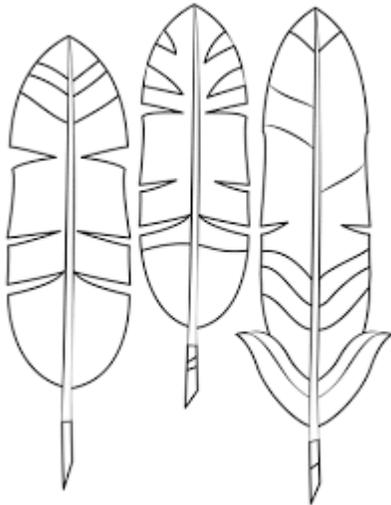
Como foi visto, os grupos indígenas paraibanos estavam devidos em três, sendo eles: (os Cariris, Tarairiús e os Potiguaras). Então nos resta apenas denominar em qual desses grupos os tapuias do município de Gado Bravo-PB estão ligados. Para chegar a esse resultado, é preciso fazer uma análise mais complexa, em primeiro lugar da região estudada. Essa região está ligada pelo rio Paraíba até o município de Boqueirão, localizado na região cariri da Paraíba onde se tem notícias da presença do grupo étnico Cariris.

Por fim, e também nos valendo de informações locais, sabe-se que a localidade onde hoje se conhece por “sítio Tapuia” no município de Gado Bravo, era habitada pelos índios tapuias vindos da região onde hoje se constitui as terras do município de Barra de Santana e Boqueirão. Os mesmos foram genericamente denominados de tapuias e foram

repelidos pelos potiguaras, espalhando-se pelo sertão e cariri, dividindo-se em várias tribos de línguas diferentes.

Trabalhando com preceitos básicos que a arqueologia faz uso, como comparações entre grupos materiais arqueológicos, para poder chegar a conclusão definitiva entre os grupos estudados. Observando bem nossas informações, podemos afirmar que os tapuias do município de Gado Bravo-PB são ramificações do grupo indígena Cariri.

Segundo José Elias Borges (1993), os tapuias eram um povo que habitava no interior, para o lado do ocidente sobre os montes e em sua vizinhança, em lugares que são os limites mais afastados da capitania, ora ocupada pelos brancos, assim neerlandeses como portugueses. Dividem-se em várias nações. Alguns habitam transversalmente à Pernambuco.



A CHEGADA DOS CRIADORES DE GADO

De acordo com Borges (1993):

Os tapuias formam um povo que habita no interior, para o lado do ocidente sobre os montes e em sua vizinhança, em lugares que são os limites os mais afastados da capitania, ora ocupada pelos brancos, assim neerlandeses como portugueses. Dividem-se em várias nações e alguns habitavam transversalmente a Pernambuco.

Isso nos faz lembrar da chegada das primeiras famílias de Gado Bravo, justamente pela sua localização próxima a divisa com Pernambuco, e por seu território está próximo às margens de uma fonte

de água tão grande como o rio Paraíba. Isso pode ter atraído para cá famílias de criadores de gado, que com o ímpeto de desbravar essas terras, chegaram de encontro com os tapuias que aqui já estavam há algum tempo.

Sabendo disso, deduzimos que inicialmente pode ter havido alguma estratégia por parte desses criadores de gado para não entrar em conflito direto de imediato com o grupo étnico que ali vivia, pois até aqui nesta pesquisa não se ouviu falar em “guerras” no passado deste município de Gado Bravo.

No município de Gado Bravo se intensificou a chagada dos primeiros criadores de gado no final do século XVII, durante a chamada “Guerra dos Bárbaros”. Naquela ocasião, diversos grupos indígenas índios se reuniram em aliança não só com todas as tribos de sua nação, comandadas pelo famoso chefe Janduí, mas com outras tribos dos grupos tupi, jará, jê e cariri.

É relatado que, com a vinda dos portugueses no final das últimas décadas do século XVIII, as localidades de Pedra D’Água, Lagoa dos Marcos e Salinas, iniciaram o processo histórico de povoamento do município de Gado Bravo. Esses povos vinham da capitania de Pernambuco, formados por portugueses, holandeses e negros africanos, os quais se misturaram aos índios locais, assim também com a sua cultura, segundo nos conta a professora Edna Leal.

A mesma nos fala que no mesmo período veio habitar a localidade do sítio Tapuia a família de José Ricardo, se apossando de boa parte das terras dos índios que ficava às margens do rio Paraíba. Por possuírem recursos, essa família decidiu construir uma capela para pequenas celebrações religiosas, contado com a colaboração dos pedreiros Fabrício de Castro e Leriano. É certo que a construção da capela seria um marco também da colonização do lugar, propriamente de raiz cristã.

As heranças herdadas diretas e indiretas por esse grupo étnico tornou essa capela um local indiretamente de aproximação do homem branco com esses grupos, onde passou a conquistá-los e depois catequizá-los, e com passar o tempo esse processo religioso se tornou um grande símbolo dentro do município de Gado Bravo. Essa capela (figura 05), pelo menos uma vez no ano, movimenta toda a cidade, que se desloca para as margens do rio para rezar a Nossa Senhora Santana, o que se constitui como celebração bastante representativa, já que é ali o lugar de início da colonização que se tem notícias dentro do município.

Foto 6: Igreja de Nossa Senhora Santana, Sítio Tapuia.



Fonte: Valquíria Gomes dos Santos, 2017

No início dessa tradição, ainda na época em que os índios viviam nas proximidades do rio da Paraíba, muitos desses indígenas sentiram-se incomodados, pois não gostavam daqueles rituais católicos que os

homens brancos os impuseram. E como não tinham condições de enfrentar os brancos, os índios foram se retirando daquela localidade para outras partes do município. Justamente por sentirem-se incomodados por esse fato, começaram a surgir catequizadores, ambulantes e viajantes que pernoitavam na localidade com a finalidade de fazer suas celebrações e catequizar os índios.

Sobre o tema, Cunha (1992, p. 48) nos informa que:

O trabalho catequético a partir de agora afastar-se do litoral em demanda de áreas mais remotas, as denominadas missões rurais, no sertão de Jacobina, do Kariri e do rio São Francisco (SERAFIM LEITE, op. cite: 269). Todavia, por todo o período de ocupação holandesa, as entradas iniciadas no século XVI, no sertão da Bahia. Tornar-se-ão rarefeitas, só sendo plenamente retomadas durante a restauração portuguesa. Ai, os missionários e curraleiros se concentrarão no submédio São Francisco e farão do sertão de Rodelas o seu quartel general, de onde prosseguirão para Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão.

Nessa região o trabalho catequético era feito pelos padres andarilhos. Os mesmos não tinham pouso certo viviam de comunidade em comunidade, catequizando a quem encontrasse pelo caminho.

2.1 Família Trovão: descendentes da índia Tapuia

Um das famílias mais importantes da história do município de Gado Bravo-PB foi a família “Trovão”, que entra em destaque neste trabalho por fazer menção ao passado indígena desta cidade. Em meio as andanças em busca de informações sobre famílias que tenham parentesco com algum grupo indígena, é necessário destacar alguns descendentes desse grupo étnico que aqui viveu há tempos atrás.

A família Trovão é descendentes de Inácio Trovão, considerado um homem rico vindo da região de Pernambuco e que, ao chegar à localidade do Tapuia, procurou de imediato manter uma relação amigável com os indígenas, pois tinha a intenção de se valer de suas terras e se estabelecer na região. Conta-se que, por ser um homem de boa índole, conseguiu as terras e, junto com elas, uma relação com Ana, uma índia tapuia.

Dessa relação veio a nascer três filhos (“Inacinho”, João e Manoel), porém, Ana veio a morrer jovem, quando ainda estava de resguardo do seu terceiro filho. A partir daí, Inácio cuidou dos filhos e da fazenda só com a ajuda dos escravos que possuía, nunca se casando novamente, tal como romanceou um descendente da família Trovão:

Do terreiro da casa, Inácio Trovão, o pai, tinha o olhar fixo num ponto à sua frente. A juventude dos filhos o reconduzia a época em que também fora jovem. Recordava o encontro com Ana, os desafios que enfrentara por causa do seu amor. Quantas vezes ouvira dizer que ela havia sido pega a dente de cachorro. Não importava o preconceito dos demais. Sabia muito bem que era assim mesmo que se referiam a pessoas iguais a ela. Principalmente por sua causa, resolvera mudar de domicílio. Lembrava de tudo o que passara desde que chegara aquele lugar. Trouxera tantos planos, tantas esperanças... Ali construiria uma

vida nova, não mais só sua, mas da família que pretendia formar. Foram sonhos lindos, como lindos são os sonhos dos apaixonados. No seu caso, apaixonara-se por uma índia. Por que? Essas coisas não têm lógica, são inexplicáveis. Havia outras jovens de família com quem poderia ter feito um casamento conveniente, mas não era só isso que queria para si. Casaria, sim, com uma jovem do seu meio e teria amplas possibilidades dessa união dar muito certo, desde que houvesse amor. No entanto era Ana que queria, com ela e por ela venceria todos os preconceitos e todas as diferenças culturais, porque o amor é assim: tudo suporta. (ALICE, 2005, p. 17).

Após o falecimento da índia Ana, Inácio trovão continuou a viver em Lagoa dos Marcos, criando seus três filhos nessa terra, voltando a Pernambuco definitivamente apenas depois que seu filho mais velho se casou, assim deixando em suas mãos os cuidados da fazenda.

Desse filho que ficara em Lagoa dos Marcos é que identificamos mais um indício da existência do grupo étnico tapuia na região, provavelmente cariri, sendo essa família atualmente uma das maiores do município e uma das poucas que se identifica como descendentes indígenas¹.

Em conversa com o senhor Alberes Trovão, de 90 anos de idade, aposentado como agente fiscal, ele nos fala que umas das primeiras famílias que chegaram no município de Gado Bravo, a exemplo dos Ricardo da Pedra D'água e dos “Heráclitos das Salinas”, cujo parentesco remontavam o seu bisavô, Inácio Trovão.

¹ Anualmente essa família organiza o encontro “Trovão”, visando recuperar lembranças do passado de sua linhagem indígena e portuguesa, resgatando as raízes não só de uma determinada família, mais sim do passado étnico e miscigenado do município de Gado Bravo. Segundo Maria Alice (2005), são aproximadamente 6000 descendentes apenas da linhagem de “Inacinho”, filho mais velho da índia Ana com Inácio Trovão, e que viveu toda a sua vida em Lagoa dos Marcos.

O tronco dos Trovão é lá na Lagoa dos Marco. Meu bisavô veio de terras distantes, *num* sei quais, mais veio *pra* lá e fundou a fazenda com sua esposa que era índia. Acho, num tenho certeza, que foi no ano de 1840. Meu avô era o filho mais velho da índia. Ele foi quem ficou de conta da fazenda depois do pai dele, e depois do meu avô foi a vez de meu pai, Damião. Meu avô teve onze filho e meu pai oito, fora os irmãos deles. É muita gente, num sabe? Daí meu primo Paulo Afonso teve a ideia de fazer um encontro da família, já vai no quinto encontro e a cada ano cresce mais o evento.

Assim podemos deduzir que a família Trovão teve um papel fundamental na povoação e no contexto histórico do município de Gado Bravo, bem como os seus descendentes.

Foto 7: Alberes Trovão, bisneto da índia tapuia, com sua esposa.



Fonte: Valquiria Gomes dos Santos, 2017

**Foto 8: Detalhe da cozinha da chamada “casa velha”,
com móvel original**



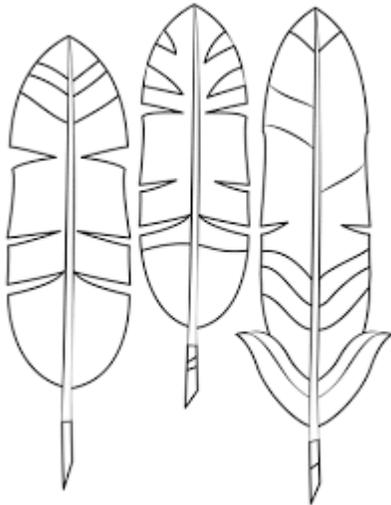
Fonte: Valquiria Gomes dos Santos, 2017

Foto 9: Fachada da “Casa Velha”, com festa de São João no pátio



Fonte: Mailson Trovão, s/d.

Segundo relatam familiares, Inácio Trovão era português e, chegando nessa região, foi logo arrebatado por uma paixão por Ana, uma índia Tapuia com quem veio a se unir em matrimônio, união essa não vista com bons olhos por sua família, por se tratar de uma “selvagem”. Essa marca os acompanhou por muitas gerações à frente.



TOPONÍMIAS E PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS

Podemos observar dentro do município de Gado Bravo várias toponímias que fazem menção a aspecto naturais de sua vegetação (Pereiro, Umburana, Pinhão, Caruá, Juá, entre outros), ou até mesmo nomes que lembram alguma característica natural hídrica, facilmente identificado com a cultura indígena. Eis algumas amostras toponímicas naturais encontradas nos nomes das localidades do município de Gado Bravo:

Quadro 1: Localidades de Gado Bravo

Rosilha	Areias	Pedra d'água
Pedras altas	Chã de Beleu	Lagoa de umburana
Salinas	Boa vista	Caracolzinho
Zé velho	Lagoa dos Marcos	Pinhões
Juremas	Guaribas	Lagoa de Cascavel
Juá	Chã dos marinhos	Campo alegre
Alto grande	Macacos	Cacimbas
Lameiro	Lagoa de dentro	Caboclos
Picadas	Caruá	Tapuia
Salgado	Fava de cheiro	Mangaio

Fonte: Coleta de dados da autora

Em relação à comunidade do Tapuia, local da pesquisa, um ponto que se destaca no local e muito conhecido pela população do município de Gado Bravo além do rio Paraíba, é o Riacho do Tapuia

Foto 10: Leito do Riacho da Tapuia – Gado Bravo, PB



Fonte: Valquíria Gomes, 2017.

Nessa região é comum ouvirmos a palavra “caboclo bravo”, que, para os seus moradores, seria uma referência a antigos índios que viviam na região e sem contato com ninguém, sendo difícil o acesso aos seus antigos abrigos. Logo, “caboclo” faz referência ao índio e bravo ao seu modo de viver, distante do homem branco e civilizado. Diferentemente dos tapuias que foram mais flexíveis e que conviveram, os “caboclos bravos” não tiveram essa interação, tal como nos conta a senhora Aninha de Joca que mora no sítio tapuia desde que nasceu.

Segundo relatos de dona Aninha, esse grupo denominado por Caboclo Bravo era outra denominação de índio da região de Gado Bravo, onde os mesmos não tiveram nenhum contato com o homem branco.

Minha mãe contava que a avó dela era cabo bravo. Acharam ela no mato quando era pequena. O povo diz: minha fia pegaram ela à dente de cachorro no mato. Esse povo ninguém via. Não era um povo que nem se fosse assombrado tinha medo de gente, mas eles eram gente que nem eu e você. Do mesmo jeito! N'era bicho, não! Aqui no riacho mesmo, quando eu era pequena, tinha nas pedras o lugar das índias fazer os *cumê* deles. Eu digo por que tinha que nem o jeito de ser umas panelas, num sabe? Só que era *apregado* nas pedras do riacho. Só que numa cheia bem grande que deu, num ano bom de inverno, a água levou tudinho! Mais era tão bonitinho, num sabe? Deu foi pena...”

Em relação aos materiais líticos, prática indígena comum entre os tapuias, encontramos no município de Gado Bravo, diversos vestígios desta prática antiga. Em conversa com dona Aninha, ela nos conta que os moradores das comunidades do Tapuia, São Bento, Caboclos e da Rosilha encontraram antigos materiais líticos semelhantes panelas tigelas e fogões de barro fixadas em pedras.

Durante visita as localidades dos sítios Tapuia e São Bento, ambas localizadas às margens do Rio da Paraíba, foram vários os relatos de histórias contadas pelos antigos moradores, sobre achados nas proximidades dos riachos que ligam ao rio, que vai de fornos ou caieiras antigas até panelas de barro e outros artefatos da mesma cerâmica.

Aninha ainda nos conta que sempre viveu no Sítio Tapuia, e desde o tempo de sua mãe se usava muito platô, uma espécie de tigela feita a partir de barro, além de potes de barro utilizados para o transporte e armazenamento de água trazido do rio. Relata ainda que apesar ter havido bastante mudança nos costumes da população, não faz tanto tempo assim que essa tradição ainda era comum. Atualmente, por exemplo, é impossível chegar numa casa, principalmente nos sítios do município de Gado Bravo, e não encontrar sequer um objeto feito do barro, uma rede e, principalmente, uma esteira de junco.

Todos esses objetos são produzidos na zona rural do município e são vendidos para complementar a renda das famílias. Além da cerâmica em barro, a esteira de junco também é outro artefato ancestral e vendido na região. Uma das artesãs da esteira em palha é a senhora Margarida, que reside no sítio Tapuia. Essa cultura de fazer esteiras começou pelos povos antigos (índios) que vivia nas proximidades do rio Paraíba que faziam do junco uma espécie de capim mais grosso e fofo que nascia no rio, transformavam em esteiras para descansar. Já os objetos de barro (figura 10) são os mais conhecidos na região e os mais usados também.

3.1 Coco de Roda, música, cultura e poesia

Sabe-se que o ser humano qualquer que seja ele, qualquer tempo que for, por onde passar vai deixar o rastro de sua cultura, algo que lhe seja atribuído no futuro

. É mais uma herança cultural deixada pelo grupo étnico que nessas terras viveram a tempos atrás, sendo o coco de roda uma dança muito popular entre o povo de Gado Bravo. Uma roda de coco nessa região significa festa, alegria, comemoração e não importa a época do ano: pode ser no São João nas fogueiras, festas de santos ou até mesmo inauguração de obras ou festas de aniversário. Para formar uma roda de coco não precisa de motivo específico!

Segundo o senhor Pimbó, cantador é dançador de coco, antigamente, na época dos índios, essa dança se fazia em volta de uma fogueira, daí começava a dança apenas os homens participavam, pois durante as voltas que se davam em volta da fogueira os homens, eles davam “umbigadas” uns nos outros. Tal dança, porém, não era bem-visto para que as mulheres participassem.

A partir da chegada do homem branco e seus escravos, o coco de roda sofreu transformações: lhe atribuíram novos instrumentos, novas letras, uma nova forma de dançar onde as mulheres passaram a participar da roda de coco. Como se mostra nesses esses versos de coco de roda, encontramos a seguinte:

Oh, Mariana olé, olé,

Oh, Mariana, teu crochê

É quando e palma, palma é palma

E mão no quarto e bate o pé

Oh bananeira
Chora bananeira
Oh bananeira chora
Chora bananeira
Que meu amor foi embora

Oh mamãe cadê Maria
Maria foi passear
Que esse passei de Maria
Vai fazer mamãe chorar.²

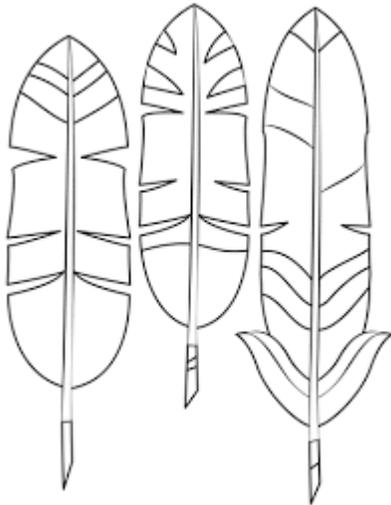
As regiões principais do coco de roda dentro do município de Gado Bravo-PB são os sítios Tapuia, São Bento, Cacimbas, Caboclo, fava de Cheiro, Zé velho, Rosilha, Campo Alegre e Santana.

Segundo o senhor Pimbó, que tem como uma de suas profissões cantar coco, o coco é um hábito que os mais antigos aprenderam com os índios, e que foi mudando com o tempo. Abaixo, o coquista comenta as mudanças temporais assumida pela dança coletiva:

² Informações recolhidas com a senhora Biu Quinino no dia 14/04/17.

Eu sou coquista, gosto muito desse ofício de tirar coco de roda, eu aprendi com meu pai desde muito novo eu já fazia verso. Essa dança era uma dança dos índios que arroteava a fogueira e agradecia ao Deus fogo. As mulheres não podiam participar da dança não, pois a medida que arroteavam, davam umbigadas uns nos outros e isso era feio para as mulheres, num sabe? O branco chegou e mudou tudo: a dança do coco de roda que só tinha homem, hoje tem mulher também. E isso é bom! Dançar sem mulher não presta, não.

Assim, podemos mencionar que as diversas formas culturais deixadas pelos grupos indígenas (dança, utensílios domésticos e outros) influenciou o modo de vida das comunidades do município até os dias atuais. Mesmo que as tradições culturais estejam cada vez mais esquecidas, não podemos deixar de acrescentar que esses traços culturais foram de grande importância para a formação do município de Gado Bravo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo constituiu-se em um momento ímpar, profissional e pessoal, tendo o tema procurado explorar o passado indígena da cidade de Gado Bravo-PB, tomando como ponto de partida os indícios, os rastros de grupos indígenas que viveram nessas terras há tempos distantes. Sua presença deixou diversas provas para comprovar sua passagem por essa região, como as pinturas rupestres, dança em forma de coco de roda, esteiras e cerâmicas diversas, além de seus descendentes e a cultura e histórias orais.

Assim, o propósito deste trabalho foi fazer reunir uma amostra e trazer ao conhecimento dos interessados informações de que existiu e

que ainda há uma forte presença cultural indígena. Para tanto, oportunizamos as pessoas conhecerem o seu passado e se identificar com ele, divulgando e não deixando se perder no tempo essas informações, registros, indícios.

Iniciei esse trabalho com bastante expectativa de como iria trabalhar histórias do passado do meu município, em especial de comunidades próximas onde cresci. Confesso que, apesar das dificuldades em achar provas para comprovar todas as minhas certezas, chego ao final desse texto bastante satisfeita com os resultados do presente estudo.

Durante todo o período de produção se pôde ver melhor a importância de valorizar a cultura daqueles que nos antecederam e a responsabilidade que temos como profissionais da educação, estimulando o reconhecimento do passado e cultura do município de Gado Bravo, a partir de histórias sobre a passagem de grupos indígenas que aqui viveram e fizeram parte de nosso passado.

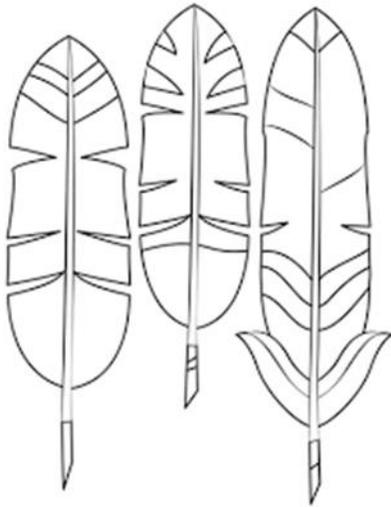
Nesse sentido, o interesse pelo passado indígena em nosso município ganhou ainda mais interesse após a criação recente do Instituto Histórico e Geográfico de Gado Bravo.

Logo, com o intuito de preservar a história do município de Gado Bravo, nasceu, por iniciativa do professor Ivanilson Luciano Camelo, o Instituto Histórico e Geográfico de Gado Bravo. Na ocasião também foi lançado o primeiro livro sobre a história do município de Gado Bravo, tendo como colaboradores um grupo de professores do município. Livro esse publicado em abril de 2019, sendo oficialmente fundado no dia 10 de novembro do mesmo ano.

Tendo como responsabilidade conhecer e preservar o passado local, o IHGGB, mesmo em pouco tempo de existência, já possui um acervo documental e fotográfico considerável. Com a ajuda das redes

sociais e palestras nas escolas do município, o IHGGB vem aumentando o conhecimento da população de Gado Bravo sobre seu passado, e, dessa forma, novas informações nos chegam sobre o passado local. Foi dessa forma que foi descoberto mais dois sítios arqueológicos no município, ambos na comunidade rural Caruá.

O instituto vem se tornando cada vez mais necessário no município. Vendo potencial turístico no local, foi formada uma parceria com o poder público municipal da cidade de Gado Bravo e a Universidade Estadual da Paraíba, onde foi assinado o termo de convênio e plano de trabalho o programa “Levantamento e resgate da riqueza arqueológico-paleontológica de Gado Bravo”.



Referências

BORGES, José Elias. **Índios paraibanos**: Classificação preliminar. In: MELO, José Octávio, RODRIGUES, Gonzaga (orgs.). Paraíba: Conquista, patrimônio e povo. João pessoa: Edição Grafset, 1993.

BRAIDWOOD, Robert. **Homens pré-históricos**. Brasília: Editora da UNB, 1988.

CUNHA, Manoela Carneiro da. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GINZURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARIA ALICE. **Trovão**. Livro sobre a história familiar. João Pessoa, s/e, 2013.

MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e imaginário nos Cariris Velhos da Paraíba**. Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal da Paraíba, 1999.

SANTOS, Juvandi de Souza. Cariri e Tarairiu: **Culturas tapuias nos sertões da Paraíba**. Tese de Doutorado apresentado ao programa de Pós-Graduação de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009.

